



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARIA DA CONCEIÇÃO ROCHA

CARAÚBAS-RN

2016

MARIA DA CONCEIÇÃO ROCHA

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do professor Ms. Venâncio Freitas de Queiroz Neto

CARAÚBAS-RN

2016

**A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Por

MARIA DA CONCEIÇÃO ROCHA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Venâncio Freitas de Queiroz Neto (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dra. Rouseane da Silva Paula Queiroz
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Dra. Zoraia da Silva Assunção
Universidade Potiguar

A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria da Conceição Rocha
rocha.md2012@bol.com.br

RESUMO

A escola é considerada como sendo a extensão do lar, pois, não oferece apenas conhecimentos conceituais, mas também desperta sentimentos e atitudes próprias, como é o caso da afetividade. A educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é um elemento que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo investigar quais as contribuições da afetividade no processo escolar, na Educação Infantil. Os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa consistiram na construção de dados qualitativos, através de pesquisas de análises bibliográficas em artigos, periódicos, cartilhas da educação infantil como Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), entre outros. Como resultados, verificamos que a afetividade é vista como base para que a escola promova pessoas pensantes, melhorando o convívio em grupo no ambiente familiar e social. Entendemos que a afetividade é uma ferramenta eficaz no processo de ensino-aprendizagem, pois, contribui positivamente para que o aluno supere limitações pessoais e adquira saberes.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Educação Infantil.

ABSTRACT

The school is considered to be the extension of the home, it does not offer only conceptual knowledge, but also arouses feelings and own attitudes, such as affectivity. Affective education should be the first concern of educators, because it is an element that determines the behavior, character and the child's cognitive activity. Thus, this study aimed to investigate which the contributions of affectivity in the school process in kindergarten. The methodological procedures that guided the research consisted in the construction of qualitative data through surveys of bibliographical analysis on articles, periodicals, brochures of early childhood education as Referential Curriculum for Early Childhood Education (RCNEI), among others. As a result, we find that affection is seen as the basis for the school promotes thinking people, improving living together in the family and social environment. We understand that affectivity is an effective tool in the teaching-learning process as it contributes positively to the student overcome personal limitations and acquire knowledge.

Keywords: Affection. Learning. Child education.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar quais as contribuições da afetividade no processo escolar, na Educação Infantil, considerando que o convívio, entre professor e aluno no ambiente escolar cria condições propícias ao processo de ensino-aprendizagem, no instante do estímulo deste sentimento.

É interessante que o educador busque entender a importância das interações sociais e afetivas que são originadas no ambiente escolar, uma vez que estas trazem a idéia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

[...] a afetividade é fator fundamental na constituição do sujeito. É entendida como instrumento de sobrevivência do ser humano, pois corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade (BORBA; SPAZZIANI, 2005, p. 2).

Considerando os expostos, acima, é sugerido que o educador busque aprofundar-se sobre o tema em questão, considerando os inúmeros benefícios, para a construção e solidificação dos conhecimentos que o cidadão, em formação, está adquirindo.

Para tanto, os procedimentos metodológicos consistiram na construção de dados qualitativos, através de pesquisas de análises bibliográficas em artigos, periódicos, cartilhas da educação infantil como Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), entre outros.

Os dados obtidos foram analisados, com o intuito de saber quais as reais contribuições da afetividade, na aquisição do saber e relacionamento na sala de aula. As ideias formuladas foram confrontadas com os argumentos dos autores referenciados e estando inseridas na parte final deste trabalho.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão bibliográfica, realizada a partir de diferentes fontes de pesquisas, no período entre março a junho de 2016. Esse tipo de pesquisa visa apresentar o período de colaboração acadêmica diante de uma determinada temática. Ela

oportuniza uma percepção mais ampla de estudos e contribuições preliminares, coordenando a fase essencial para averiguações futuras e de evolução de estudos subseqüentes (SANTOS, 2012).

Para a realização da análise da produção de conhecimento acerca da temática, foi feito uma revisão de artigos científicos publicados online, periódicos e cartilhas da educação infantil. Com isso houve uma seleção de obras que serviram como base para aprofundamento do conhecimento sobre o tema em questão. Os documentos foram consultados na biblioteca virtual SCIELO e no Google Acadêmico concretizando a fundamentação teórica científica do estudo.

Na pesquisa foram consultadas diversas literaturas referentes à temática em estudo. Foram selecionadas 40 obras de acordo com as buscas, onde se adotou o seguinte critério de inclusão: terem sido divulgadas no período de 1998 a 2016. Com isso 22 documentos foram excluídos, restando 18 para realização do estudo. As palavras chaves utilizadas nas buscas foram: “afetividade”, “aprendizagem” e “educação infantil”.

A escolha de artigos foi realizada em similaridade com a temática proposta, sendo descartados os estudos que, embora constarem no resultado da busca, não apresentasse um assunto similar ao pretendido nesse estudo.

Esse conjunto de artigos e periódicos foi submetido a uma primeira leitura, onde foram fichados e revisados buscando identificar os principais enfoques da afetividade no processo educacional.

Partiu-se da identificação das idéias centrais dos artigos, passando-se pela interpretação dos sentidos subjacentes às concepções e pelo agrupamento desses sentidos em núcleos, chegando-se à discussão de temas – como classificações mais amplas. Assim, basicamente, percorreu a seguinte trajetória: leitura dos artigos destinada a uma compreensão global dos estudos; identificação das idéias centrais de cada artigo; confrontamento do referencial teórico.

CONCEITO DE AFETIVIDADE

A escola é a extensão do lar, de tal modo que esta não pode se limitar a fornecer somente conhecimentos conceituais, mas colaborar para o desenvolvimento da individualidade de seus alunos em sua totalidade.

A maior parte da influência no processo escolar é exercida pelo professor que precisa ter o conhecimento de como se dá o desenvolvimento emocional e comportamental da criança em todas as suas manifestações.

De acordo com Siqueira *et al* (2011), a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque este é um elemento que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança.

Dessa forma é necessário investigar a fundo as contribuições que a afetividade propicia ao discente no processo de ensino-aprendizagem, a fim de que este recurso seja, melhor aproveitado.

Conforme argumenta Alves (2011), estabelecer um limite é oferecer à criança os extremos, a fronteira até onde ela pode ir ou não naquele momento. E é nesse momento de restrição que o indivíduo terá a oportunidade compreender que pode superar suas frustrações.

Portanto, não basta apenas investigar, refletir ou identificar a forma de trabalhar a afetividade nas escolas, pois ensinar é, em síntese, um esforço para auxiliar ou moldar o desenvolvimento de cada indivíduo, porque esse é um processo que se dá de fora para dentro. Porque como educadores, não se pode, no entanto desprezar os primeiros anos de vida da criança que são base para um desenvolvimento saudável de sua personalidade, observando sobre tudo a relação que a criança tem com sua mãe poderemos entender a constituição de um adulto com afetividade bem ou mal construída. (SARNOSKI, 2014, p. 3).

Não podemos fazer diferenciações sobre os fatores sociais, culturais, religiosos, genéticos e/ou neurológicos, pois, cada um influencia na aprendizagem do educando. O que pode-se propor, juntamente com o autor é que estes elementos sejam utilizados como fontes para a aquisição de experiência de vida.

O autor destaca, ainda, a importância dos laços familiares, afirma que, não basta que a criança seja bem tratada, somente no ambiente escolar, é necessário que o lar ofereça o mesmo tipo de tratamento, assim ela terá bons resultados no decorrer da sua trajetória de vida.

Em ambientes educacionais é comum observar educandos buscando uma maior afinidade com o professor, pois, a maneira como este último se relaciona com os alunos assemelha-se bastante com o carinho e atenção dos pais, na sua casa. Esse fator reforça a idéia de que a afetividade cria um elo de proteção para a criança, deixando-a mais confiante e segura.

De acordo com Vieira; Lopes (2010), a afetividade é observada como o domínio das emoções, dos sentimentos, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de

entrar em contato com sensações, refere-se às vivências dos indivíduos e as suas formas de expressão, essencialmente, humanas.

O conceito de afetividade bem como a sua aplicabilidade no contexto escolar é uma forma eficaz de promover a evolução do educando e, ao mesmo tempo fazer com que este adquira habilidades e aperfeiçoem aquelas que já possuem.

A aprendizagem emocional estabelecida por um vínculo afetivo possibilita a auto compreensão e a concretização dos potenciais criativos dos seres humanos. “A afetividade não é uma temática contemporânea, mas histórica” (BRUST, 2009, p. 17). Diante dessa afirmação torna-se preponderante discutir e elencar reflexões de teóricos que buscam em suas discussões apresentar a questão da afetividade e da moral.

Esta temática é um elemento presente há bastante tempo no meio escolar, representando um mecanismo para a construção do caráter humano. As diversas formas de externalização do comportamento humano sugerem que haja, também, uma diversificação de meios no tratamento destas questões, tendo em vista que o indivíduo pode manifestar ações próprias, muitas vezes inesperadas. Sobre a mistura de sentimentos, oriundas deste processo dispõem que:

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela é a mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros, e aprender a cuidar adequadamente de todos nas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada. Tendo em vista que todo processo de educação significa também a constituição de um sujeito. A criança seja em casa, na escola, em todo lugar, está se constituindo como ser humano, através de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento (SARNOSKI, 2014, p. 2).

É importante considerar que este tema apresenta algumas variações de significado e o que há em comum é a questão dos sentimentos que são colocados em jogo. No meio educacional, o educador deve priorizar a comunicação com o discente, fazendo com que haja uma constância do bom relacionamento.

O estabelecimento de condições adequadas para a interação não pode estar pautado somente em questões cognitivas. Os aspectos emocionais e afetivos são tão relevantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo interferem diretamente na produção do trabalho (ALVES, 2011, p. 3).

Os aspectos emocionais e afetivos que os educadores devem ter para com os educandos necessitam de aprimoramentos, de uma revisão e/ou reinvenção de decisões, desde que estas se adequem ao cenário vivido. O professor necessita, cada vez mais, buscar e aprimorar formas de atender as necessidades de seus alunos, uma vez que cada um carrega consigo características próprias, realidades diferentes e, como consequência, reações próprias.

O respeito às particularidades do discente representa a primeira medida de aproximação, onde este deverá ser estudado, de modo que sejam reconhecidas as suas inquietações para que, num segundo momento, seja feita aproximação destes agentes.

Segundo Alves (2011), o professor torna-se uma peça chave na transição do aluno entre a busca pela satisfação dos desejos reprimidos da relação primordial, para outro patamar, o desejo para aprender conhecimentos sistemáticos, a curiosidade sobre como solucionar os problemas e se relacionar com maturidade.

Em dadas situações, o aluno com um acúmulo de fracassos escolares, acaba por usar estratégias defensivas distanciando-se do processo de ensino-aprendizagem e, assim, cria-se uma barreira que impede e/ou limita a aproximação do professor.

Sarmento (2010) cita que a afetividade assim como a inteligência não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao logo do desenvolvimento psicossocial e são construídas de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo desenvolve as suas necessidades se tornam cognitivas.

Alguns autores afirmam que a afetividade nada mais é do que formas de adaptação do ambiente, do uso adequado de ferramentas e procedimentos de ensino-aprendizagem, de modo que a leitura do espaço conduz ao uso destes recursos.

Alves (2011) considera que afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e independente em que os sentimentos se exprimem e os interesses e valores são ações estruturadas pela própria inteligência do educando.

A importância da relação entre a emoção e a atividade intelectual na sala de aula, mostrando que tanto o professor quanto o aluno poderá passar por momentos emocionais durante o processo de ensino-aprendizagem. Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições (SARNOSKI, 2014, p. 5).

Percebemos que tanto o professor quanto o aluno podem passar por momentos similares, quando se trata de sentimentos. Portanto, não basta apenas investigar, refletir ou identificar a forma de trabalhar a afetividade nas escolas, pois ensinar é, em síntese, um esforço para auxiliar e/ou moldar o desenvolvimento de cada indivíduo, porque esse é um processo que se manifesta de fora para dentro, sendo que:

A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino-aprendizagem considerando uma vez, que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais (SARNOSKI, 2014, p.6).

A formação da personalidade do indivíduo é comparada à sua completa lapidação, com valores psicossociais que o torna um membro ativo do seu grupo, com autonomia na tomada de decisões, de modo que este possa expressar-se livremente sobre temas variados e que tenha seu próprio posicionamento. Esse acervo é adquirido através de fases e mecanismos que devem ser trabalhados continuamente.

Além do mais o professor sabe que sua tarefa é orientar o aluno em seu aprendizado, de modo que este torne-se um cidadão ativo e independente em seu meio, de tal modo que mantenha em construção e sucesso a sua aprendizagem. Isto inclui dar credibilidade as suas opiniões, valorizar sugestões, observar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade e disponibilizar mútuas conversas (SARNOSKI, 2014).

As fases vão desde o aprendizado do lar ao aprimoramento na escola, assim os mecanismos que se referem aos procedimentos pedagógicos, desde os sugeridos no currículo escolar às ferramentas de auxílio secundário e/ou estratégico, nesse caso a conquista da confiança pelo afeto.

O professor além da árdua tarefa de fazer a mediação entre sujeito e conhecimento, tem ainda de compreender a capacidade de cada aluno, buscando acrescentar de forma positiva elementos que instigue o seu raciocínio lógico, acompanhando e observando para que os mesmos venham a se destacar, sem passar por nenhum tipo de constrangimento.

A afetividade vem sendo debatida e definida há alguns anos por psicólogos, pedagogos e psicopedagogos, além de outros profissionais da educação e, mesmo da área da saúde em geral.

Porém, ainda há uma grande defasagem na oferta de um serviço profissional que alie técnicas próprias a uma interação eficaz de desenvolvimento de relações baseadas na questão emocional e afetiva do discente.

Sem dúvidas a junção de toda a comunidade escolar traz resultados importantíssimos, e que o grande beneficiado é o educando, uma vez que ele tende a compreender que os esforços observados visam o seu desenvolvimento não só escolar mais também pessoal e intelectual.

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Em diversos casos, os educandos apresentam dificuldades de aprendizagem por conta de bloqueios psicológicos, desestruturação familiar, entre outros. Com isso, a escola representa uma base de apoio a estes alunos, especialmente, o professor, no instante em que busca um contato mais íntimo e humano com este.

Alguns autores sugerem que esta temática seja analisada sob diferentes pontos de vista, considerando, as particularidades que surgem de um caso para outro e sobre o quanto este elemento está presente no ambiente escolar do educando e o quanto influencia na sua aprendizagem.

A escola deve propiciar um espaço para reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o seu desenvolvimento por complexo, considerando que a afetividade é um mecanismo que engloba a maioria dos seus valores pessoais. A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos, no relacionamento com o 'outro social', por toda a sua vida, desde seu nascimento (ALENCASTRO, 2009, p. 17).

O autor afirma que em qualquer etapa e/ou situação, o indivíduo está aprendendo, sendo que, à medida que aprende varia seu comportamento, seu desempenho, sua ótica, seus enfoques. Quando o assunto é aprender, ocorrem mudanças relativamente aparentes, no modo de ser do discente, pois, o fator psicológico tende a evoluir, mediante as situações as quais está exposto.

Enfatiza-se a importância das crianças terem contato com outras culturas, pois quando o indivíduo conhece outras realidades sociais, logo desperta a curiosidade e daí surge a necessidade de novas mudanças. Havendo, também, uma reflexão sobre: comportamento, desempenho e enfoques.

No momento em que está em contato com o objeto de conhecimento, a criança busca retirar deste o que lhe interessa, deixando outros itens que, no seu entendimento, não têm muita importância, visando atingir um equilíbrio entre as ações procedidas.

Como afirma Alencastro (2009), afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade humana. Nenhum meio de aprendizagem se realiza sem que ela tome parte dos procedimentos adotados. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida e de todos os seus acontecimentos, influenciando diretamente nas atitudes procedidas. Dessa forma entende-se:

[...] que um bom professor não deve sobrecarregar seus alunos com trabalhos difíceis, mostrando-se apenas severo e zangado, construindo assim a reputação de um homem rigoroso e rude. Professor deve participar dos divertimentos de seus alunos fornecendo atividades que os agradem e exerçam sua curiosidade, de modo que se sintam melhor ali do que em qualquer outro lugar, mais também fazendo com que o aluno busque a aprendizagem e o interesse pelos estudos por seu próprio impulso (BRUST, 2009, p. 19).

O educador pode ser amável, sem que, com isso, deixe de ter autonomia em sala de aula. Sabemos que toda criança é um ser único, que cada um tem sua maneira própria de pensar e agir, uma vez que, para a criança é mais interessante despertar o desejo de aprender, diante de alguém que ele admira e que tem certa liberdade de expressão, ou seja, com aquele sujeito o qual ela tem certo afeto.

Brust (2009) afirma, também, que os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência deste componente.

Assim, num ambiente afetivo e seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma autoimagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o trabalho com os objetivos educativos. Desse modo:

Ao destacar a escola como ambiente relevante para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, afetividade é a dinâmica mais profunda na qual o ser humano pode participar, e que se inicia no momento em que um sujeito se liga a outro por amor. A escola tem como função proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos; o trabalho pedagógico deve fazer com que os alunos cumpram regras, impondo-se limites (SARMENTO, 2010, p. 29).

Como mencionado por Sarmiento, a afetividade não se limita apenas ao processo de ensino-aprendizagem, mas também à evolução do sujeito. Ele destaca também que é uma dinâmica que envolve muito amor e dedicação, e que a escola tem todo o direito de proporcionar isso aos alunos da melhor maneira possível, para que todos sejam inseridos no processo e que possam usufruir dos resultados positivos.

É fato que o desenvolvimento de habilidades pode ser melhor propagado quando a situação é favorável, o que leva o indivíduo a trilhar melhores caminhos e a ter mais certeza daquilo que está fazendo, sem pressão ou medo de errar.

Com o dia-a-dia do aluno, é importante também transferir uma educação mais aberta que estimule a criatividade, a intuição, e a imaginação, aprender a pensar, e reforçar além dessas a necessidade de ter a ética profissional, no entanto, o professor é ainda o principal instrumento para todo o processo de mudança na aprendizagem. Porque o processo de aprendizagem é pessoal, e a afetividade, assim como a inteligência não aparecem pronta nem permanece imutável (SARNOSKI, 2014, p. 2).

O processo de ensino aprendido deve ser analisado por toda comunidade escolar, sobretudo com o suporte pedagógico da instituição para que ambos trabalhem em articulação e com objetivos comuns. Outro fator importante é despertar em cada aluno a valorização da sua aprendizagem, de estar sempre em constante desafio, mostrando-os que são capazes de evoluir em diferentes aspectos.

Conforme argumenta Sarnoski (2014), a criança precisa ser reconhecida, elogiada, pois isso estimula o seu lado afetivo, além do mais, demonstra o interesse do professor pela criança, fazendo com que ela se sinta importante.

Neste item, as discussões possibilitaram refletir crítico-analiticamente sobre a questão da afetividade como ferramenta de trabalho do professor, no intuito de aproximar-se do seu aluno e, assim, desempenhar de forma satisfatória a sua metodologia de ensino.

Contudo, é importante fazer essa discussão, com olhares voltados à educação infantil, pois, o público desta etapa de ensino identifica-se bastante com essa questão e, ainda, expressa com maior naturalidade e constância, estímulo de afeto para com o professor.

A AFETIVIDADE PROFESSOR/ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com as discussões expressas no item anterior deste estudo, é possível entender a afetividade como uma ferramenta de auxílio diário do professor, em sua rotina na sala de aula, uma vez que está é uma estratégia de aproximação entre essas duas figuras.

Especialmente referindo-se a educação infantil, tal atributo pode ser utilizado com mais facilidade, tendo em vista que o perfil do público alvo tende a absorver melhor a dinâmica do afeto, do contato mais íntimo com o seu orientador.

De acordo com Alencastro (2009), uma criança não é um ser de pura razão, os afetos, as emoções e os sentimentos são eficazes para a constituição do indivíduo.

A criança, nos seus primeiros anos escolares, não aprende desvinculada de afeto, ela estuda acometendo sua corporeidade, sua sensibilidade e seu imaginário. O docente é um mediador entre os estímulos éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação.

Para que se possa compreender de forma mais ampla o tema da afetividade na educação infantil, entendemos que primeiramente faz-se necessário tratar rapidamente sobre a educação infantil. A Educação Infantil foi vista durante um grande tempo como uma forma de cuidar, sendo assim deixada em segundo plano, não contando com nenhuma preocupação no que diz respeito ao caráter pedagógico que está inserido em todo contexto educacional (MELLO; RUBIO, 2013, p. 3).

Há muito tempo a educação infantil era vista apenas como “depósito de crianças” Os professores e a comunidade escolar não se preocupavam em ensinar pedagogicamente, mas somente em reproduzir conteúdo de forma decorativa e repetitiva.

A educação infantil, assim como as demais etapas da educação básica necessitam de muita atenção, respeito, compreensão e, claro, limites, além de muita sinceridade, por parte dos educadores, da família e da comunidade com os alunos. Devemos sempre ser diretos e objetivos, explicando o que pode e o que não pode fazer, uma vez que acreditamos que nossas crianças são muito inteligentes e tem capacidade de compreender tudo com facilidade.

O ato de ensinar e de aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor, tal cumplicidade se constrói nas intervenções, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado. Cabe ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e os conteúdos. Quando um professor apenas transmite um conteúdo, sem nexos, sem que o aluno assimile afetivamente o conteúdo, nada será aprendido pois o professor tem de tornar os conteúdos interessantes aos olhos dos alunos (MELLO; RUBIO, 2013, p. 7).

Os discentes, em muitas situações, são reflexos de nossas ações. Então, possivelmente quando somos organizados, nos gestos de humildade e de gentileza, vínculos de afeto para com o próximo, com certeza o aluno assimilará bem tais qualidades e as reproduzirá com mais facilidade.

Figura 1: Demonstração natural de afeto e aprendizado



Fonte: Brasil, 2015.

A figura 1, acima, representa dois fatores interessantes, quando tratamos do tema afeto entre professor e aluno. O primeiro é o fato de que este sentimento abrange indivíduos com personalidades diferentes, seja por limitações físicas, psicológicas ou sociais. O segundo é a unidade que é formada entre ambos, pois, estes comportam-se como uma equipe à desafiar as questões propostas, de modo que a autoconfiança é maior.

Nesse caso não há segredo para despertarmos o desejo de aprender dos alunos, se ambicionamos algumas mudanças positivas.

Segundo Vieira; Lopes (2010), a inteligência não se inicia apenas do conhecimento do eu propriamente dito, nem somente pelas coisas materiais, mas também pela sua interação com outros indivíduos, pela troca de experiências e principalmente, pelo exemplo que é dado pelos mais experientes. Sendo assim as mudanças são constantes, e com isso devem ser interpretadas e assimiladas de forma criteriosa.

Para Guiotti (2011), a afetividade é um conceito amplo que abrange várias manifestações de emoções e sentimentos que podem ser tanto negativos quanto positivos, como, por exemplo: o carinho, amor, atenção, raiva, confiança, dentre outros.

Para isso, é necessário conhecer e entender a realidade do público estudantil, dentro do contexto social, e que a escola busque alternativas para adaptar-se à realidade de cada um.

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção ampla, envolvendo diferentes manifestações, englobando sentimentos de origem psicológica e emoções de origem biológica.

A afetividade é um período de desenvolvimento nas crianças, que apresenta inúmeros desafios, quando aparecem os elementos peculiares de cada ser. É com o surgimento destes fatos que acontece a modificação das emoções nos sentimentos de solidez e equilíbrio.

A escola deve ser um espaço múltiplo e ao mesmo tempo proporcionar ambientes de vivências individuais, deve conter os elementos que nos constituem enquanto seres que sentem pelo cheiro, pelo toque, pelo gosto, pelo olhar e pela audição. Espaços para as infâncias são espaços que as traduzem, mas também as modificam, que as acolhem em um momento e em outro as libertam para criar, recriar e manifestar a sua cultura (LIMA, 2013, p. 37).

Podemos afirmar que, a escola em muitos momentos pode conter elementos essenciais, para que as crianças sintam-se protegidas, respeitadas, acolhidas e amadas. É importante que todas tenham espaço para mostrar seus conhecimentos, por pequenos que sejam. Ela só não pode passar despercebida no ambiente escolar. A criança em sua verdadeira essência desperta interesse em participar da escola e em tudo que lá existe.

As constantes mudanças no meio social exigem que o educador desenvolva aspectos diferenciados na sua forma de trabalho no ambiente escolar. Este profissional tem inúmeros desafios a enfrentar, pois, o processo de ensino-aprendizagem engloba diferentes fatores que o levam a refletir sobre diferentes pontos de vista.

Na atualidade, a docência é concebida como ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os estudantes, atenção a suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos visando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito às diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos estudantes sob todas as suas formas, dentre outros aspectos (RIBEIRO, 2010, p. 20).

Ainda há muito o que ser feito quando o assunto se trata da afetividade, os professores em sua maioria não disponibilizam-se de tempo suficiente para planejamentos necessários, uma vez que a instituição escolar têm cronogramas específicos à seguir, e isso acaba sobrecarregando alguns planos do educador, pois, este tem quem cumprir os planos de meta da

instituição. Logo este necessita de um maior tempo para traçar metas que venham a contribuir para a afetividade da comunidade estudantil.

As dificuldades do trabalho com as crianças são inúmeras, existe uma sensibilização por parte da comunidade escolar de que este item não deve ser desenvolvido por pessoas sem a devida formação.

Para entender melhor de que forma essa afetividade contribui no processo ensino-aprendizagem, busca um aprofundamento mais específico e teorizado, pois quando se fala em afetividade para aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar, visando os processos cognitivos de todos. A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro (SARNOSKI, 2014, p.14).

A afetividade está diretamente ligada a tudo que a criança vivencia assim como a aprendizagem relaciona-se com tudo que a criança já vivenciou. Ela é um ser pensante e que examina tudo ao seu redor, é dotada de curiosidades, expectativas que muitas vezes cria insegurança.

Cada estágio da afetividade, ou melhor das emoções, sentimentos e paixões, pressupõe o desenvolvimento de certas capacidades, que se revelam em um estado de maturação.

Portanto, quanto mais habilidades se adquirem no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento de tal capacidade.

Sendo assim, “as aprendizagens ocorrem, inicialmente, no âmbito familiar e depois, no social e na escola. Portanto, sabemos que o sentido da aprendizagem é único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os fatores afetivos” (SARNOSKI, 2014, p.4).

Sabemos que é grande a importância da contribuição da família, do desenvolvimento escolar, esta é a base de toda a sua trajetória, quando a criança tem esse acompanhamento percebe-se que o seu desenvolvimento ocorre com mais facilidade.

O processo de afetividade precisa oferecer atividades e a possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais atraiam. O importante do ponto de vista afetivo é reconhecer e respeitar as diferenças que despontam como chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que as crianças se expressem. A afetividade também é concebida como o reconhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contado físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem (SARNOSKI, 2014, p. 5).

Como bem afirma o autor, é importante sempre ouvir as crianças, questionando-as sobre seus desejos, deixando-as opinarem sobre determinados assuntos, dando sugestões sobre as atividades e brincadeiras, analisando assim, o ponto de vista de cada uma.

Dessa forma, criar um ambiente harmonioso e com laços familiares que todos possam sentir que são importantes e que cada um contribua com o processo é fundamental para solidificação do saber.

A afetividade tem um papel fundamental. Na função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade (SARNOSKI, 2014, p. 8).

As reflexões feitas pelo autor destacam que é através da interação professor/aluno que surgem as manifestações positivas. Em síntese, percebemos que a afetividade está presente nas principais decisões do ensino, assumidas pelo professor como fator básico das afinidades que são colocadas entre os alunos e os conteúdos escolares.

Notadamente, a afetividade deve ter importância central na formação escolar e integral da criança, desde o ponto de vista de que esta é um ser complexo que não é dotado somente de razão, mas antes de tudo de afeto, componente fundamental para que a aprendizagem ocorra, uma vez que está justamente na base da inteligência humana (GUIOTTI, 2011).

Entender como este recurso pode gerar benefícios na construção da autoestima conduz a uma justificativa sobre o que a afetividade significa para as crianças, considerando as mudanças de pensamento que se sucedem de forma rápida e que, muitas vezes, as deixam confusas.

A AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA: UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA PARA AS CRIANÇAS

Considera-se que todos os seres humanos necessitam de apoio, sobretudo as crianças, principalmente diante das mudanças culturais e morais da sociedade contemporânea. A estabilidade emocional muitas vezes não encontrada no meio social necessita cada vez mais de ser criada pelo próprio indivíduo, que num processo de autorreflexão e adaptação busca a satisfação afetiva.

Vieira; Lopes (2010) afirmam que as ligações afetivas iniciais formam a base para a propagação de sentimentos como: ser amado, valorizado, sentir-se privilegiado, etc, e são necessárias para a autoimagem. Portanto, a autoestima e a autoimagem são dimensões subjetivas bem próximas e integralmente fundamentadas sobre o mesmo alicerce, em suma, representam os tipos de interações sociais que os indivíduos estabelecem entre si.

Os mesmos autores ainda destacam que, se os pais dizem ao filho que ele é inteligente ou o tratam como digno de confiança, esses atributos podem integrar-se em sua ego-identidade. Sob este enfoque, a maneira como a criança percebe essas avaliações feitas pelos adultos, influencia o modo como veem a si próprio e como sua autoimagem é formada.

Desde os primeiros dias de vida, a criança exprime uma condição de total dependência do adulto. Desde então, a ligação afetiva estabelecida entre eles oferece as bases emocionais que sustentarão essa criança no mundo adulto. No recém-nascido não existe nenhuma consciência de identidade pessoal, evoluir para essa consciência é a sua principal tarefa. Por meio do contato social percebem-se individualmente enquanto, ao mesmo tempo, formam as noções de coletividade (VIEIRA; LOPES, 2010, p. 31).

Destaca-se ainda o fato de que os pais devem dar aos seus filhos, desde os primeiros dias de vida, o afeto que é fundamental para o processo de desenvolvimento psicológico.

Desta maneira, Brust (2009) argumenta que os vínculos afetivos constituem-se instrumentos que permitirão a apreensão intelectual significativa, dado o grau de envolvimento entre a criança e o adulto, pois possibilita a expressão e comunicação entre eles.

Na rotina de muitas escolas, não somente da educação infantil, como também no ensino fundamental I e II e, até mesmo no ensino médio é possível observar uma melhora de desempenho daqueles indivíduos que têm um bom relacionamento com o professor. Isso faz com que a disciplina ou o conteúdo a ser estudado torne-se mais atrativo.

Com a progressão do desenvolvimento, os indivíduos passando da adolescência à fase adulta, fazendo uma conclusão, que é por meio da afetividade que ao passar pelas fases da vida, desde a infância até a fase adulta, o indivíduo obtém consciência de valores morais. Com uma grande participação do lado afetivo realizando as atividades durante seu desenvolvimento, como os trabalhos em grupo ou individuais na escola, podemos dizer que o indivíduo após aprender sobre cooperação por meio da socialização e das relações entre os colegas e professores (EMILIANO; TOMAS, 2015, p. 15).

Como bem menciona o autor, cada fase tem sua importância sendo que é por meio da afetividade que o indivíduo obtém consciência de valores morais. A afetividade também contribui em diversos aspectos, principalmente na vida social das crianças, uma vez que, quando adulto terá reflexos, podendo ser positivos ou negativos.

Bruno Neto (2012) descreve que a afetividade é interpretada como uma espécie de eficácia que motiva o ser humano a realizar ações. Pode-se dizer que na relação de cooperação ao haver maior discussão, possibilita uma maior participação do professor e do aluno na construção do conhecimento.

Existe um fator que motiva o estudante a procurar a resposta das situações-problema. Este fator motivacional pode ser descrito como afetividade, pois, quando há um contato mais próximo com o professor, este se sente mais confiante em buscar soluções, têm mais concentração e objetividade para superar o desafio.

A mente humana não possui estruturas que desde o nascimento contém conhecimento. É por meio da vivência na sociedade e nas relações com outros seres humanos que a pessoa construirá novos conhecimentos e novas relações entre os objetos de estudo. O aluno não nasce com o conteúdo internalizado em sua mente, o conteúdo deve ser transmitido pelo professor, mas somente transmiti-lo não é o bastante, a socialização com o professor, a discussão e troca de ideias é fundamental para que o conteúdo se fixe de forma que o discente elabore com suas próprias palavras o que foi aprendido (BRUNO NETO, 2012, p. 16).

A criança não nasce com uma carga de informações, logo precisa de orientações de pessoas com experiência e que possa conduzi-la em sua trajetória de vida para poder associar de maneira clara e objetiva as informações que lhe são repassadas, transformando-as em conhecimentos.

A socialização nesse caso é de extrema importância, pois é através do meio em que estes vivem e convivem que é formada a sua identidade. O quesito troca de experiências sempre irá prevalecer em muitas situações educacionais, pois, o estudo teórico individual é muito limitado e insuficiente, enquanto que este primeiro apresenta uma boa articulação entre teoria e prática. Ainda porque:

[...] a afetividade é um dos fatores que colaboram para o sucesso do processo de ensino aprendizagem, assim, o tema “Afetividade na Educação Infantil” apresenta-se como algo de extrema relevância no ambiente educacional, pois a afetividade estimula a capacidade de desenvolver o conhecimento voltado para o conhecer e o aprender, de maneira que vão os vínculos e aprendizados vão construindo-se a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio (AMORIM; NAVARRO, 2012, p.4)

Assim sendo, a afetividade, se torna imprescindível na vida da criança. Esta estimula a capacidade de desenvolver o conhecimento e aprendizagem de maneira que os vínculos e formações vão construindo-se a partir do contato entre o sujeito e o meio.

Amorim; Navarro (2012) afirmam que a aprendizagem se dá paralela aos aspectos afetivos, de maneira que a afetividade será determinante para a construção dos saberes. Com isso, os pais, professores e a escola possuem um papel importante nesse processo, que é colaborar para a formação de um ser humano, e isso somente acontecerá pela obra do amor, do afeto, que se torna a chave para educação.

Os autores destacam muito bem as questões ligadas ao afeto neste item, como também a participação da família, que por sua vez tem o papel primordial na vida das crianças. A família tem a função de preparar a crianças, principalmente nos primeiros anos escolares uma vez que, esta é a primeira a expor situações educacionais à criança sendo referência para outras ações.

A afetividade é vista sob diferentes perspectivas, ocupa lugar privilegiado no desenvolvimento psíquico e intelectual da criança e do adolescente, sendo a raiz afetiva a base de toda a atividade psíquica e intelectual. Ainda nesse contexto, o professor atua como peça fundamental nesse processo, transferindo seu conhecimento ao aluno, pois, é no campo pedagógico, das relações professor-aluno, que a inteligência, a afetividade e o desejo se articulam, confrontando-se com faltas e carências a fim de contribuir para a construção de novas e infinitas possibilidades de aprendizagem (GUIOTTI, 2011, p. 16).

De fato, o professor atua como peça fundamental para o aprendizado e desenvolvimento do aluno. Este orientador deve entender que o educando assimila aquilo que faz parte do seu cotidiano. Dessa forma, se o aluno em seu dia-dia ouve alguém dizer que ele é um bom jogador de futebol, haverá um estímulo maior para a prática deste esporte. O mesmo irá ocorrer quando houver afirmações ou a detecção de carência e/ou fragilidades deste indivíduo e, como consequência, haverá uma desestimulação.

A AFETIVIDADE NA ÓTICA LEV VYGOTSKY

A análise do tema, com base nas teorias de Vygotsky, conduz a uma visão mais aprofundada sobre os fatores biológicos e sociais no processo de formação do ser humano na elaboração de conceitos e significados. Nesse sentido, podemos relacionar o papel do

professor na escola no processo de transmissão do conteúdo de cunho conceitual, ou seja, o que não é aprendido no dia-a-dia.

O extraordinário pesquisador do funcionamento intelectual humano, o psicólogo Russo Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), cujas ideias são de extrema importância para os educadores, possui um grande acervo de conceitos e teorias oriundas dos seus estudos sobre a educação infantil (VYGOTSKY, 2001).

O autor destaca que a ampliação pessoal ocorre através de dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo referente às conquistas realizadas e o do desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas.

Ainda sobre a afetividade, Vygotsky (2001) denuncia a divisão histórica entre afeto e cognição, apontando-a como um dos grandes problemas da Psicologia na sua época, ao mesmo tempo em que critica as abordagens orgânicas atuais.

Compreende-se que a experiência em sala de aula relaciona-se ao fato de que a mente humana não possui estruturas que desde o nascimento contém conhecimento, esta vai sendo alimentada de informações que necessitam de um tratamento mais apurado para que se transformem em conhecimentos.

Ao transmitir um determinado conteúdo para os seus alunos o professor utiliza a linguagem como meio de intercâmbio social para se comunicar com os alunos e discutir a respeito do conteúdo. Os alunos então, após a socialização do conteúdo com o professor, de modo a expor seus pontos de vista reterá a parte importante daquele conteúdo simplificando-o (BRUNO NETO, 2012, p.16).

É por meio da vivência na sociedade e mediante as relações com outros indivíduos que o sujeito construirá novos conhecimentos e novas relações entre os objetos de estudo. E para que este cenário seja favorável ao desenvolvimento de saberes diversos é primordial haver um direcionamento adequado e, sobretudo, condições psicológicas propícias para que isso ocorra.

O aluno não nasce com o conteúdo concretizado em sua mente, este deve ser mediado pelo professor, porém, não é interessante apenas transmiti-lo, a discussão e troca de ideias é fundamental para que o conteúdo se fixe de forma que o discente elabore suas próprias conclusões sobre aquilo que estudou/aprendeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, pôde-se alcançar os objetivos propostos, de modo que as inquietações que surgiram, foram claramente explicadas pelos autores estudados. Além disso,

o confronto de conceitos, argumentos e as orientações ora mencionadas nas citações serviram para enriquecer o acervo conceitual sobre a afetividade.

Outro fator importante é que existe uma homogeneidade de ideias sobre os reais benefícios da afetividade na relação professor/aluno, uma vez que, esta cria um ambiente favorável para que o educando desenvolva uma carreira estudantil evolutiva e que adquira habilidades necessárias para o seu convívio em sociedade.

Com isso, consolida-se a ideia de que a afetividade deve ser a base para que a escola promova pessoas pensantes, de forma que estas possam se relacionar e conviver em grupo, no contato com o ambiente familiar e social de forma evolutiva e independente com plenas condições de interagir de forma espontânea e natural.

A afetividade é uma ferramenta eficaz no processo de ensino-aprendizagem e contribui positivamente para que o aluno supere limitações pessoais e, assim, evolua em sua carreira estudantil, familiar e social.

Deste modo, o estudo possibilitou inteirar-se sobre a importância da afetividade no espaço escolar, assim como identificar os critérios que os educadores utilizam para tal fato e que dificuldades são observadas nos ambientes educacionais em relação a este fator.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Clarice Escobar de. **As Relações de Afetividade na Educação Infantil**.

Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em:

<http://peadalvorada09.pbworks.com/f/afetividade.pdf> Acesso em 05 de abril de 2016.

ALVES, Franciele. **Afetividade na Prática Docente no Ensino Escolar Fundamental**.

Maringá/PR – UEM, 2011. Disponível em:

http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/franciele_alves.pdf Acesso em 07 de abril de 2016.

AMORIM, Márcia Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na Educação**

Infantil. Revista Eletrônica da Univar n.º 7 p. 1 – 7, 2012. Disponível em:

http://www.univar.edu.br/revista/downloads/afetividade_educacao_infantil.pdf Acesso em 07 de abril de 2016.

BORBA, Valdinéia R.S., SPAZZIANI, Maria de Lourdes. **Afetividade no contexto da**

Educação Infantil. GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ Anais da 30ª Reunião Anual da

ANPED: Caxambu, 2005. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT07-3476--Int.pdf> Acesso em 08 de abril de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em 05 de abril de 2016.

BRUNO NETO, Giuseppe. **Uma Breve Visão Sobre a Afetividade nas Teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf Acesso em 10 de abril de 2016.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Centro de Educação e Artes. Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf> Acesso em 15 de abril de 2016.

EMILIANO, Joyce Monteiro; TOMÁS, Débora Nogueira. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro/SP, 2 (1): 59-72, 2015. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200306.pdf> Acesso em 03 de abril de 2016.

GUIOTTI, Lilian Fradique. **Educação Infantil: a importância da afetividade na relação professor-aluno na percepção dos educadores**. Brasília: UCB, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1241/1/TCC%20LILIAN%20FRADIQUE%20GUIOTTI.pdf> Acesso em 20 de abril de 2016.

LIMA, Mariana Parro. **“Vitória Vai à Escola”: o papel da afetividade na formação de professores da educação infantil**. Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000911943> Acesso em 03 de maio de 2016.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013. Disponível em: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf> Acesso em 28 de abril de 2016.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Revista Estudos de Psicologia I Campinas I 27(3) I 403-412 I julho – setembro, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/12.pdf> Acesso em 25 de abril de 2016.

SANTOS, Valdeci. **O que é e como fazer “Revisão da Literatura” na pesquisa Teológica**. FIDES REFORMATATA XVII, Nº 1 (2012): 89-104. Disponível em: http://mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformatata/17/17_1artigo6.pdf Acesso em 03 de maio de 2016.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. **Afetividade e Aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?sequence=1> Acesso em 03 de maio de 2016.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista de Educação do Ideau, Vol. 9 – Nº 20 - Julho – Dezembro, 2014. Semestral. Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf Acesso em 05 de abril de 2016.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira; NETO, Demuniz Diniz da Silva; FLORENCIA, Rutemara. **A Importância da Afetividade da Aprendizagem dos Alunos, Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil**. 2011. Disponível em:
<http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2016.

VIEIRA, Adriana Silva; LOPES, Maristela Diniz. **A Afetividade entre Professor e Aluno no Processo de Aprendizagem Escolar na Educação Infantil e Séries Iniciais**. Centro Universitário Salesiano Auxilium de Lins. Lins/SP, 2010. Disponível em:
<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/51909.pdf> Acesso em 02 de maio de 2016.

VIGOTSKY, L. S. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na Infância. *In*. Vygotsky, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.